

**A GEOGRAFIA LINGUÍSTICA E A SUA IMPORTÂNCIA
NOS ESTUDOS DIALECTOLÓGICOS**

José Mario Botelho (FFP-UERJ)
jomartelho@gmail.com

RESUMO

A geografia linguística, que constitui um método dos estudos dialectológicos, consiste em observar a situação em que uma língua e seus fatos linguísticos se efetivam num dado momento em localidades ou em regiões previamente delimitadas pelo analista. De fato, esse método não só deu bons resultados com também passou a caracterizar os estudos linguístico-históricos do século XX até os nossos dias.

Palavras-chave:

Dialectologia. Geografia linguística. Linguística Histórica.

RESUMEN

La geografía lingüística, que constituye un método de estudios dialectológicos, consiste en observar la situación en que se realizan una lengua y sus hechos lingüísticos en un momento dado en lugares o regiones previamente delimitadas por el analista. De hecho, este método no sólo produjo buenos resultados sino que también llegó a caracterizar los estudios histórico-lingüísticos desde el siglo XX hasta nuestros días.

Palabras clave:

Dialectología. Geografía lingüística. Lingüística Histórica.

1. Introdução

Não se pode negar a importância dos estudos histórico-comparativos, que se desenvolveram no século XIX, não apenas porque marcam o advento da Linguística Histórica (Cf. Ilari, 1992; Faraco, 2005), mas, sobretudo, porque nos legaram bons resultados.

De fato, por volta da metade do século XIX, os estudos acerca das línguas originárias do latim – línguas românicas – se faziam sob uma orientação histórica, e por isso, eram estudos romanísticos da Linguística Histórica Românica, também denominada Filologia Românica ou simplesmente Linguística Histórica ou Diacrônica ou Comparativa. Sabe-se, também, que os estudos comparativos do final do século XIX, fundamentados por uma nova abordagem – sob uma hipótese genética – com os neogramáticos alemães, definiram os estudos de Linguística Histórica a partir daquela época.

Contudo, opositores às ideias daqueles neogramáticos, dispostos a negarem as leis fonéticas (relativas à lei do “menor esforço”²⁶ e/ou da “economia linguística”), que fundamentavam os seus estudos, buscavam novas perspectivas que pudessem dar conta do fenômeno das mudanças linguísticas. Daí, o surgimento de novas abordagens, como o método da geografia linguística, que se deu a partir da concepção que os neogramáticos tinham da mudança linguística, já que, a partir de sua hipótese genética, formulavam questões referentes à natureza da linguagem e destacavam as relações entre as línguas, que eram classificadas em famílias e consideradas como “organismos vivos”.

A geografia linguística não só deu bons resultados com também passou a caracterizar os estudos linguístico-históricos do século XX até os nossos dias, especialmente com a Dialectologia.

A Geografia Linguística iniciou-se no período historicista com o fim de verificar a propalada regularidade das leis dos neogramáticos. Embora as primeiras experiências não fossem completamente bem sucedidas, serviram para verificar que havia outras influências favorecendo a mudança fonética além das causas admitidas: analogia e empréstimo. (Rodríguez, 1998, p. 6)

2. Breves esclarecimentos sobre a geografia linguística e a Dialectologia

O método da geografia linguística consiste, fundamentalmente, em observar a situação em que uma língua e seus fatos linguísticos se efetivam num dado momento em localidades ou em regiões previamente delimitadas pelo analista.

Diferente do método histórico-comparativo, que tem como objeto de estudo o texto escrito, em que o fato linguístico se encontra devidamente comprovado, o método da geografia linguística oferece uma visão geral da situação atual de uma dada língua viva – em atividade, em uso –, mostrando como as palavras se chocam entre si, migram, modificam-se, estabilizam-se, renascem ou desaparecem. Logo, o objeto de estudo desse método é propriamente a linguagem falada – a comunicação oral dos ha-

²⁶ A expressão “lei do menor esforço”, que foi cunhada modernamente por André Martinet (1955), se refere ao que Hermann Paul (1880) denominou de “passos infinitesimais”, por meio dos quais a mudança linguística se dá. Acerca da lei da economia linguística, a Linguística moderna explica que o princípio da economia sugere que a mudança linguística não torna a “nova” língua mais difícil de os usuários efetivarem.

bitantes da área escolhida pelo analista. Criam-se, por conseguinte, mapas de tais comunidades falantes, em que se delimitam normalmente os usos da língua em pauta.

Esse método, que é propriamente uma linguística espacial, considera especialmente todas as realizações do ser humano num dado espaço geográfico, relacionando aspectos da vida social e cultural do homem em seu ambiente natural. Contudo, não se deve confundi-lo com o “método neolinguístico ou espacial”, o qual é uma decorrência do método da geografia linguística e consiste, pois, em mostrar o modo do qual a história dos diferentes aspectos de uma dada língua deixa, no espaço, seus traços. Como a sua própria denominação sugere, é um novo (“neo-”) método espacial, em que se inclui o novo elemento: o modo, pelo qual a história dos diversos aspectos da língua se faz presente num dado espaço – a área a ser analisada.

De fato, atualmente a expressão consolidada “geografia linguística”, que muitos estudiosos a denominam como geolinguística ou geografia das línguas, constitui um método comparativo e dialetológico muito utilizado desde o século XX nos estudos linguísticos comparativos e, especialmente, nos estudos de línguas românicas, estabelecendo mapas de ocorrências de formas linguísticas de inúmeras e diferentes línguas e dialetos ou falares. Logo, a existência e atuação desse método se relacionam estreitamente com uma geografia, espaço em que vive o homem, usuário de uma dada língua.

Em síntese, trata-se de um método dialetológico e comparativo, que possibilita aos analistas o registro, em mapas, de inúmeras e variadas formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) de uma dada região. Este estudo epistemológico se relaciona, pois, com a geografia, empregando o instrumento cartográfico e, sobretudo, revelando aspectos das relações entre vida social e cultural do homem em seu *habitat*.

Sem desprezar a eficácia do método histórico-comparativo, que ainda hoje pode funcionar como um elemento complementar nos estudos dialetológicos, o surgimento do método da geografia linguística deu um novo perfil à Linguística Histórica e, em particular, à Linguística Românica (ou Filologia Românica).

Coseriu (1987b) procurou relacionar os estudos da geografia linguística com a Dialetologia:

O método dialetológico e comparativo [...] e que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísti-

cas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados. (Coseriu, 1987b, p. 79)

Quanto à Dialetoлогия (ou Dialectologia), pode-se dizer que tais estudos inauguraram uma nova era para a Linguística Românica, porquanto foram fundamentais as contribuições, que provieram principalmente da Itália, dos linguistas Francesco Cherubini (1789–1851), Pietro Monti (1794–1856), Giovanni Spano (1803–1878), Gabriele Rosa (1812–1897), Antonio Tiraboschi (1838–1883), Bernardino Biondelli (1804–1886) e, especialmente, Graziadio Isaia Ascoli (1829–1907), que, com seus ensaios sobre os falares ladinos (do Alto-Adige), proporcionou um verdadeiro exemplo de tratamento histórico-geográfico e exame dialetal lógico de um domínio neolatino em 1873 e, alguns anos depois, em 1882, dos dialetos da Itália.

Segundo Faraco (2005):

Entende-se por dialetoлогия o estudo de uma língua na perspectiva de sua variabilidade no espaço geográfico. O termo deriva de *dialeto*, que é a designação tradicional em linguística das variedades de uma língua correlacionadas com a dimensão geográfica, a chamada variação diatópica, numa terminologia técnica mais recente. (Faraco, 2005, p. 178)

Com essa definição de “Dialetoлогия”, o autor afirma se tratar de uma derivação do termo “dialeto”, que “é a designação tradicional em Linguística das variedades de uma língua correlacionadas com a dimensão geográfica, a denominada variação diatópica, numa terminologia técnica mais recente”.

3. A geografia linguística: sua origem e seus fundadores

Vimos, no item anterior, que os estudos comparativos do final do século XIX, fundamentados por uma nova abordagem com os neogramáticos alemães, definiram os estudos de Linguística Histórica a partir daquela época. Vimos também que ainda no final do século XIX já surgia uma nova abordagem – a geografia linguística –, que se deu a partir da concepção dos neogramáticos e que não só deu bons resultados com também passou a caracterizar os estudos linguístico-históricos do século XX até os nossos dias.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Em Ilari (1992, p. 25-35), e em Faraco (2005, p. 178-88), verifica-se que, no início do século XX, desenvolveram-se os estudos de Dialeto-
logia, que se faziam sob uma orientação de geografia linguística, que, se-
gundo Ilari (1992), são orientações para o estudo com os dialetos neola-
tinos.

No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, várias ten-
dências reagem contra o método histórico-comparativo e contra a maneira
como ele levava a representar a formação das línguas românicas: algumas
dessas orientações “novas” resultam de uma reflexão filosófica ou teórica
sobre linguagem, como é o caso do chamado “idealismo linguístico” ou
da escola linguística de Saussure; outras surgem no próprio campo de es-
tudo das línguas românicas, como resultado de um contacto mais direto
com os dialetos neolatinos. Estão neste último caso as orientações que se
costuma reunir sob o título genérico de “geografia linguística”. (Ilari,
1992, p. 25)

Portanto, trata-se de um método com o qual se pode observar a si-
tuação de uso de uma dada língua num determinado momento em regiões
previamente delimitadas pelo analista. Logo, o objeto de estudo do mé-
todo da geografia linguística não é o texto escrito especificamente, mas,
sim, a própria língua em uso. Ou seja, o objeto de estudo desse método é
propriamente a linguagem falada. Com a prática do método da geografia
linguística, os analistas elaboram mapas das comunidades linguísticas,
em que se registram diversos elementos contextuais nos usos da língua
que analisam.

Graziadio Isaia Ascoli (1829–1907), um linguista e glotólogo ita-
liano autodidata, foi o pioneiro no uso do método da geografia linguística
em seus estudos sobre os dialetos da antiga Récia – *Saggi Ladini (Ensa-
ios ladinos)* –, sob a perspectiva histórico-geográfica. Dedicou-se ao estu-
do das línguas indo-europeias e neolatinas e, especialmente, dos dialetos
italianos (ou línguas da Itália).

Sabe-se que, no final do século XIX e nas primeiras décadas do
século XX, variadas tendências insurgiram contra o método histórico-
comparativo e sua abordagem em relação à formação das línguas euro-
peias. Algumas dessas orientações, como o chamado “idealismo linguis-
tico” ou da escola linguística saussuriana, fizeram-se a partir de uma re-
flexão filosófica ou teórica sobre linguagem. Também surgiram orienta-
ções desse tipo nos estudos das línguas românicas, como as investigações
sobre os dialetos galo-românicos, feitas por Jules Gilliéron (1854–1926).

Gilliéron, que criou primeiramente seu *Petit Atlas phonétique du
Valais roman* com 30 mapas (1880) e, mais tarde, seu *projet de Atlas*

linguistique de la France (ALF), que inspirou a criação de um atlas linguísticos para regiões do território românico, praticamente definiu as características científicas do método da geografia linguística.

Coseriu (1987a) observa que

A geolinguística é um campo interdisciplinar compartilhado pela linguística e a geografia. É também conhecida com os nomes de geografia linguística e geografia das línguas. A geolinguística ocupa-se de estudar as línguas no seu contexto geográfico. (Coseriu, 1987a, p. 79)

Como se pode depreender da citação acima, a geografia linguística não constitui, em si, uma nova Linguística em substituição àquela que seria uma velha linguística – a Linguística Histórica. Trata-se de um método novo – uma abordagem – dentro da Linguística, como assevera Coseriu (Cf. 1987b, p. 113); é um método que coexiste com outros, aproveitando, inclusive, aspectos do método comparativo em sua abordagem.

Coseriu (1987b, p. 84) informa que a geografia linguística compreende três etapas principais: 1) o trabalho de coleta do material; 2) o registro do material colecionado em mapas que constituem os atlas; e 3) o estudo e a interpretação do material proporcionado pelos mapas. Depreende-se, portanto, que essa técnica é de natureza geográfica, embora sejam glotológicas²⁷ (e, por conseguinte, linguísticas) os seus fundamentos e seus fins.

Tais mapas linguísticos possibilitam as observações de caráter geral sobre a língua em funcionamento, revelando a relação entre a história linguística e os fatores geográficos ou geopolíticos, além de facilitar a comprovação de que as inovações nas línguas se originam em determinados centros e se limitam a certos espaços geográficos ou sociais, já que há casos circunscritos a uma minúscula comunidade linguística. Em virtude disto, a geografia linguística, que se aplica normalmente à Dialetologia, também tem sido denominada “linguística espacial”. Exatamente porque objetiva evidenciar fatos em um determinado espaço, a técnica desta geografia linguística tem natureza geográfica, como assevera Coseriu (1987b):

²⁷ Referente à Glotologia, que, grosso modo, faz sinonímia com “Linguística” como ressalta Câmara Jr. (1985a, p. 159): “São pouco usuais os termos equivalentes de Glótica e Glotologia, cuja raiz é o termo grego para ‘língua’. Por outro lado, não são termos equivalentes a gramática (v.) em qualquer de suas acepções, e a filologia (v.), que pressupõe uma língua culta e uma língua escrita.”

A técnica desta geografia linguística é de índole geográfica (pois se trata de comprovar fatos no espaço), e da mesma índole são os instrumentos que ela torna efetivos e que oferece para posteriores pesquisas (os atlas linguísticos). (Coseriu, 1987b, p. 84)

Contudo, apesar de a técnica e os instrumentos da geografia linguística serem de índole geográfica ou espacial, os seus fins e fundamentos são inegavelmente linguísticos – ou glotológicos, como afirma Coseriu (1987b, p. 84). Em virtude desse aspecto fundamental da geografia linguística, muitos estudiosos vêm insistindo em denominar o referido método como “linguística geográfica”, por considerarem inadequado o já consagrado termo “geografia linguística”. De fato, devem-se valorizar, sobretudo, “as relações entre o ambiente geográfico e a difusão espacial dos fatos linguísticos” (Coseriu, 1987b, p. 79) e não, as relações diretas entre um espaço geográfico e a linguagem de seus usuários.

Embora Hugo Schuchardt (1870) já abordasse em seus estudos a mudança linguística sob a perspectiva das relações entre as línguas e a realidade social e histórica das comunidades linguísticas, considera-se o fundador da geografia linguística o estudioso suíço Jules Gilliéron. Na verdade, também outros linguistas como Leibniz, Johannes Schimidt prenunciaram o método geográfico ao tentarem realizar estudos nesse campo antes de Gilliéron, que fez seus estudos no terreno da Dialektologia, em que o método se destacou realmente. Foi com Gilliéron que o método da geografia linguística, voltando-se contra as propostas da escola neogramática, impôs-se com os estudos e as investigações diretos das “línguas vivas”, como pregavam os neogramáticos. Se bem que o neogramático alemão Georg Wenker (1852–1911) já tinha tentado, no final do século XIX, estabelecer os limites dialetais da fala alemã.

Logo, com os registros e mapeamentos da geografia linguística, passou a ser possível se comprovar a distribuição de um fenômeno em relação a outro com a descrição da área de uma inovação e do seu centro de irradiação em uma comparação linguística. Ou seja, os estudos feitos sob a égide da geografia linguística, sobretudo, contribuíram para mostrar de forma evidente ou epistemológica que cada mudança linguística parte, grosso modo, de um indivíduo falante e se difunde por razões sociais e culturais fundamentalmente.

Tem-se, assim, um novo conceito de “língua” com o advento da geografia linguística, pois a língua deixou de ser vista como um organismo vivo, autônomo e independente do falante; a língua passa a ser vista “como ‘sistema de isoglossas’, que se estabelece com base no falar

concreto e, historicamente, como unidade e continuidade duma tradição linguística numa comunidade” (Coseriu, 1987b, p. 111).

Quanto à mudança linguística, Coseriu (1957) apresenta-se revolucionário acerca do seu conceito com uma proposta que parece negar todo o conhecimento que se estruturou até então:

Certamente, o que se torna diferente através da mudança é a própria linguagem específica como um produto histórico, como um conjunto de tradições; e neste sentido podemos falar de “mudança linguística”, ou seja, de mudança em uma linguagem ou em linguagens. Mas propriamente falando isso não significa que uma linguagem como um produto objetivo (*ergon*) muda: significa que uma linguagem é produzida. Na perspectiva correta, as linguagens não estão mudando continuamente: elas estão continuamente sendo produzidas, sendo feitas.²⁸ (COSERIU, 1983b, p. 55) (tradução livre)

Praticamente, o autor nega a existência (ou ocorrência) do fenômeno que tem sido denominado “mudança linguística” com esse seu artigo “Linguistic change does not exist” em que conclui que não ocorre propriamente uma “mudança” numa língua; dá-se, pois, a construção histórica das línguas.

A mudança linguística é, se alguém vê a linguagem como *ἐνέργεια*, um fenômeno linguístico primário, ou seja, não é “mudança”, mas sim a construção histórica das línguas. Essa construção ocorre em grande parte por meio da aplicação de procedimentos de produção dados na própria língua.²⁹ (Coseriu, 1983b, p. 63) (tradução livre)

3.1. Noções de Dialektologia e Onomasiologia

Vimos, no item anterior, que os estudos comparativos do final do século XIX se desenvolveram sob a perspectiva da geografia linguística e que a preocupação dos linguistas(-filólogos) dessa época era a de abordar a mudança linguística das línguas em uso. Nessa abordagem, que se mos-

²⁸ “Certainly, what becomes different through change is the specific language itself as a historical product, as a set of traditions; and in this sense we can speak of “linguistic change” *i.e.* of change in a language or in languages. But properly speaking this does not mean that a language as an objective product (*ergon*) changes: it means that a language is produced. In the right perspective, languages are not continually changing: they are continually being produced, being done.”.

²⁹ “Linguistic change is, if one views language as *ἐνέργεια*, a primary linguistic phenomenon, that is, it is not “change”, rather the historical construction of languages. This construction takes place largely through the application of procedures of production given in the language itself”.

trava diferente da dos neogramáticos, cuja fundamentação se apoiava em “leis fonéticas”, os estudiosos dessa corrente geolinguística se apoiavam na perspectiva das relações entre as línguas e a realidade social e histórica das comunidades que as tinham como meio de comunicação especialmente oral.

Tal noção revolucionária e contrária à dos seus contemporâneos colegas neogramáticos já mediava as pesquisas de Hugo Schuchardt, um dos mentores do método de *Wörter und Sachen*, o qual se aprofunda na ideia sugerida pelo método da geografia linguística, que tinha como escopo o estabelecimento da etimologia e da biografia das palavras, legitimando os estudos semântico-linguísticos de uma dada língua em atividade, o que nos remete ao estudo de Dialetoлогия e Onomasiologia. Vimos também que, mais tarde, as pesquisas com o método da geografia linguística se desenvolveram com Jules Gilliéron, que fez seus estudos no terreno da Dialetoлогия, elaborando os seus famosos mapas, a partir da combinação do método da geografia linguística com outros.

Com o passar do tempo e com o desenvolvimento de tantas outras pesquisas dialetológicas, o método da geografia linguística foi sendo aprimorado, e, nos nossos dias, esse método, que também é conhecido como “método da geolinguística”, é especialmente utilizado na Dialetoлогия moderna – estudo científico das variações geográficas e sociolinguísticas de uma dada língua (dialetos linguísticos), logo, um campo da Sociolinguística –, cujos estudos se baseiam na distribuição geográfica e em outros elementos associados de seu escopo.

Câmara Jr. (1985b, p. 94) apresenta a seguinte definição de Dialetoлогия: “Estudo do arrolamento, sistematização e interpretação dos traços linguísticos dos dialetos”. Já Borba (1976, p. 31) apresenta uma concepção mais voltada para o aspecto espacial das pesquisas dialetológicas em si, definindo a Dialetoлогия como “o estudo dos sistemas linguísticos em suas variações geográficas ou sociais”.

Dubois (1994) é ainda mais específico ao se referir à atividade da Dialetoлогия:

O termo dialetologia, tomado, às vezes, como simples sinônimo de geografia linguística, designa a disciplina que visa descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhes os limites. O termo se emprega também para a descrição de falas tomadas isoladamente, sem referência às falas

vizinhas ou da mesma família.³⁰ (Dubois *et al.*, 1994, p. 144) (tradução livre)

Cardoso (2010, p. 45), corroborando essa concepção de Dialeto-
logia, afirma que ela tem, por objetivo, “estabelecer relações entre moda-
lidades de uso de uma língua ou de várias línguas, seja pela identificação
dos mesmos fatos, seja pelo confronto presença/ausência de fenômenos
considerados em diferentes áreas” (Cardoso, 2010, p. 45). Portanto, é
uma unanimidade o fato de a Dialeto-
logia se ocupar das variações lin-
guísticas que se verificam num determinado espaço geográfico, em que
se efetivam os dialetos que caracterizam as variantes de uma língua. Seu
objeto de estudo é, pois, os falares regionais de espaços geográficos, em
que se encontram circunscritos, caracterizados por suas particularidades
linguísticas.

Nesse caso, a Dialeto-
logia configura-se como o ramo da Linguís-
tica, cujo escopo é a identificação de diferenças dialetais de usuários de
uma mesma língua, que se limitam em isoglossas³¹. Contudo, tais iso-
glossas determinadas pelo analista são sempre relativas, posto que os es-
paços para a variação linguística não compõem fronteiras rígidas. Logo,
as linhas isoglóssicas³², que são um elemento do método da Dialeto-
logia, dos mapas elaborados pelos geolinguistas são convencionais, motivadas
por elucubrações do próprio analista, mas que podem ser empiricamente
comprovadas.

Não se pode negar que a Dialeto-
logia contribuiu, sobremaneira,
para os estudos linguísticos como um todo e particularmente para o estu-
do da história das línguas. Com o desenvolvimento das pesquisas dialeto-
lógicas, comprovou-se que não há dialetos homogêneos e que compõem
isoglossas pouco precisas, pois entrecruzam as influências entre eles.

Pode-se dizer que o tradicional objetivo da Dialeto-
logia é definir e
estabelecer áreas geográficas de falas de uma língua, ou seja, todas as va-

³⁰ “Le terme de dialectologie, pris parfois comme simple synonyme de géographie linguistique, désigne la discipline qui s’est donné pour tâche de décrire comparativement les différents systèmes ou dialectes dans lesquels une langue se diversifie dans l’espace et d’établir leurs limites. Le mot s’emploie aussi pour la description de parlars pris isolément, sans référence aux parlars voisins ou de même famille.”

³¹ Isoglossa é o limite geográfico de certa característica linguística. Ou seja, é uma linha convencional que limita geograficamente determinada variante de uma dada língua.

³² Segundo Câmara Jr. (1985a, p. 160), “dá-se este nome (linha isoglóssica) a uma linha convencional que se traça no mapa de um território linguístico para aí assinalar os pontos onde vigora um dado traço linguístico, [...]”.

riedades de uma dada língua (comumente chamadas de dialetos) e não apenas uma variedade regional. O estudo da dialetologia permite definir os campos, as modalidades e o impacto das variações de uma dada língua. Logo, os estudos dialetológicos devem concentrar-se essencialmente nas variações linguísticas tanto as de natureza social quanto as de natureza espacial, podendo fornecer informações acerca de suas motivações históricas, políticas ou culturais. Tais estudos, fundamentalmente, possibilita a análise de convergências e divergências entre dialetos.

Quanto à práxis da Dialetologia, pode-se dizer que recorre à metodologia própria, que compõe uma série de atividades complexas. Bazenga (2017) esclarece o seguinte:

Para além da escolha da área geográfica, torna-se necessário: (i) definir os pontos de inquérito, o seu número e distribuição espacial, por forma a constituir uma rede de inquéritos, baseado em critérios históricos, geográficos e linguísticos; (ii) elaborar os questionários linguísticos, de modo que os dados linguísticos possam ser geograficamente comparados; (iii) a sua aplicação, através da seleção do número e tipo de informante, que, do ponto de vista da “autenticidade”, deverá obedecer às seguintes características: ter nascido no local, que lá tenha permanecido, ou que tenha mantido poucos contactos com falantes de outras localidades, de preferência rural, idoso e não alfabetizado; (iv) após a recolha e o tratamento dos dados (audição e transcrição) e antes da sua publicação (monografia dialetal e atlas dialetais), elabora-se a cartografagem, ou a inclusão de informação linguística (variantes linguísticas predominantes) num mapa geográfico, também designado de Geografia Linguística ou Geolinguística. (Bazenga, 2017, p. 6)

Decerto, é o tipo de dados a serem coletados que determina, propriamente, o questionário a ser utilizado na pesquisa de campo; pode, portanto, ser fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático, prosódico, pragmático-discursivo e até mesmo metalinguístico. Silva Neto (1957, p. 30) assevera que a aplicação do questionário é uma “tarefa que precisa ser ‘verificada’ e ‘testada’, experimentada em recolhas de dados preliminares, a fim de se lhe corrigirem defeitos e sanarem as lacunas”.

Normalmente, após a aplicação do questionário, pode ser necessária a sua reelaboração, para que se possa garantir o rigor científico da pesquisa dialetológica.

Silva Neto (1957) enumera as seguintes condições necessárias para se arrolarem dados convenientes:

a) ter bom ouvido e gosto pela linguagem popular; b) conhecer bem a região e a língua, sobretudo se se tratar de um estrangeiro; c) ter tato e simpatia pessoal, para merecer a confiança e a boa vontade dos informantes

que, em caso contrário, podem não responder ou, o que é bem possível, e pior, responder propositalmente errado; d) conhecer bem o questionário que se vai aplicar. (Silva Neto, 1957, p. 31)

Como as pesquisas dialetológicas se definem pelo próprio pesquisador, que a planeja para reunir dados de seu interesse, os aspectos de natureza onomasiológica podem mediar a sua pesquisa de campo. Nesse sentido, pode haver uma relação mais assídua entre a Dialectologia e a Onomasiologia, que constitui um estudo da significação, que parte das noções ou conceitos de um ser (conceitual, animal, vegetal etc.) para determinar as formas linguísticas com que fazem correspondência, e, por conseguinte, se relaciona muito mais à Lexicologia³³. Segundo o renomado linguista italiano Vittorio Bertoldi (1935),

Por onomasiologia entende-se um aspecto particular da investigação linguística que, partindo de uma determinada ideia, examina as várias maneiras com as quais essa encontrou expressão na palavra. Uma vez que estuda fatos de vocabulário comparando-os entre si em ordem cronológica e geográfica, a onomasiologia (de ὀνομασία “nomeação”) também foi chamada de lexicologia comparativa e era, portanto, semelhante em seus objetivos e procedimentos à semasiologia (de σημασία “significação”), isso é, a busca dos significados. Os dois aspectos se complementam e, portanto, se destacam um do outro.³⁴ (Bertoldi, 1935) (tradução livre)

4. Considerações conclusivas

Como é possível observar, a Linguística tradicional já se fazia sentir no final do século XIX, em que predominava a abordagem de natureza diacrônica sobre a linguagem, primeiramente com Hugo Schuchardt (1870), que, contrariando os neogramáticos, já abordava em seus estudos os aspectos da mudança linguística sob uma perspectiva de natureza sociolinguística; depois, com Jules Gilliéron (1910), que também contrariava as propostas dos neogramáticos com seus estudos também sob uma perspectiva sociolinguística; e em 1910–1916, Saussure, no estabeleci-

³³ Termo usado por alguns gramáticos para designar o estudo dos vocábulos, tanto em sua flexão (v.) (*Morfologia, stricto sensu*), quanto nos processos para a sua derivação (v.) e composição (v.). (Câmara JR., 1985a, p. 157)

³⁴ “Per *onomasiologia* s’intende un aspetto particolare dell’indagine linguistica che, movendo da una determinata idea, esamina i varî modi con chi essa ha trovato espressione nella parola. In quanto studia fatti di vocabolario comparandoli fra di loro nell’ordine cronologico e geografico, l’*onomasiologia* (da ὀνομασία “denominazione”) fu detta pure *lessicologia comparata* e venne quindi avvicinata nei fini e nei procedimenti alla *semasiologia* (da σημασία “significazione”), la ricerca, cioè, dei significati. I due aspetti si completano e si lumeggiano dunque l’un l’altro.”

mento de suas célebres dicotomias e das tarefas da Linguística e sua relação com a Filologia.

E em meio a atmosfera daquela Linguística Histórica do final do século XIX e início do século XX, em que se efetivavam estudos sob a perspectiva comparativo-diacrônica com o uso do método histórico-comparativo, surgem novas abordagens. Decerto, tais abordagens como o método da geografia linguística eram exigidas pelos estudiosos insatisfeitos com as abordagens dos estudiosos da época – os neogramáticos alemães – e os resultados de seus estudos, os quais não davam conta propriamente do fenômeno das mudanças linguísticas.

O método da geografia linguística, que se mostrou eficaz para os estudos dialetológicos daquela época, passou a ser o preferido pelos novos pesquisadores da linguagem. Com esse método, os analistas procuraram observar as situações em que uma dada língua e seus fatos linguísticos se efetivam num dado momento e em localidades ou em regiões específicas. Também se observam muitos outros elementos extralinguísticos, que juntos aos dados linguísticos compõem mapas das comunidades falantes em questão.

Daí, ser esse método propriamente uma linguística espacial, já que considera especialmente todas as realizações do indivíduo falante num dado espaço geográfico, relacionando aspectos de sua vida social e cultural. Eis o porquê de a geografia linguística ser o método que vem sendo usado nos estudos linguístico-históricos desde o início do século XX até os nossos dias, mormente quando a pesquisa se insere na Dialetologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de Filologia Românica*. v. I, História Externa das Línguas Românicas. São Paulo: Edusp, 2001.

BERTOLDI, Vittorio. *Onomasiologia*. In: *Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti*. Roma: Treccani, 1935. Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/onomasiologia_%28Enciclopedia-Italiana%29/.

BORBA, Francisco da Silva. *Pequeno vocabulário de linguística moderna*. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Nacional, 1976.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BOTELHO, José Mario. Estudos romanísticos sobre a linguagem no século XIX e o surgimento da Linguística Histórica. *Revista Philologus*, v. 27, n. 81 Supl. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2021a. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/955/1023>.

CÂMARA JR. Joaquim Matoso. *Dicionário de Linguística e Gramática*: referente à língua portuguesa, 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1985a.

_____. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985b.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística*: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

COSERIU, Eugenio. A Geografia Linguística. In: _____. *O homem e sua linguagem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1997. (Coleção linguagem)

_____. Teoria da linguagem e linguística geral. Trad. de Agostinho Dias Carneiro. 2. ed., Rio de Janeiro: Presença, 1987a. Título original: Teoría del Lenguaje y Lingüística General, 1969.

_____. *O homem e sua linguagem*. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987b. Título original: *El hombre y su lenguaje*, 1921.

_____. Linguistic change does not exist. *Linguistica nuova ed antica, rivista di linguistica classica medioevale e moderna*, Anno I, p. 51-63, Galatina-It: Congedo Editore, 1983. Disponível em: https://coseriu.ch/wp-content/uploads/publications_coseriu/coseriu209.pdf.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1988.

_____. *Dictionnaire de Linguistique*. Paris: Lousse, 1994. Disponível em: <https://archive.org/details/DictionnaireDeLinguistiqueDubois/page/n529/mode/2up>.

FARACO, C. A. *Linguística Histórica*. São Paulo: Parábola, 2005.

ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1992.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da Linguística Histórica*. São Paulo: Parábola. 2008.

RODRÍGUEZ, Alfredo Macieira. Breve histórico da geografia linguística. *Revista Philologus*, Ano 10, n. 4, p. 1-8. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 1998. Disponível em: www.filologia.org.br/revista/10/04.pdf.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SILVA NETO, Serafim da. *Manual de Filologia Portuguesa: história, problemas, métodos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Presença/MEC, 1988.

_____. *Guia para estudos dialectológicos*. 2. ed. Belém: Conselho Nacional de Pesquisa; Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, 1957.